



DIVERSIDADE CULTURAL: DESMISTIFICANDO A CULTURAL AFRICANA

Estelita Dinis Gomes¹
Deonesa Alberto Mango²
Adelaida Cadidjatu Mali Jalo³
Luma Nogueira De Andrade⁴

RESUMO

O trabalho está vinculado ao subprojeto Pedagógico do Programa Residência Pedagógica (PRP), com atuação na Escola de Ensino Fundamental José Neves de Castro, no município de Acarape, Ceará. Foram apresentadas, através das reflexões bibliográficas, as abordagens dos conceitos, das histórias e das culturas africanas e, particularmente, da Guiné-Bissau, apresentando a diversidade cultural e a pluralidade linguística. O presente trabalho teve como objetivo apresentar a experiência da diversidade cultural, com o foco na (des)miscigenação cultural africana. A metodologia utilizada baseia-se na revisão bibliográfica através da leitura dos artigos, monografias e alguns itens que trabalham com o tema. Ademais, foram utilizadas técnicas expositivas e apresentações de danças, tranças e trajes africanos (especificamente da Guiné-Bissau), e aplicação de questionário. Com essa atividade, mostramos para os alunos as diversidades culturais existentes no continente africano. E também criamos espaços para discutir, ou seja, promovemos um espaço de troca de saberes e reflexões sobre os aspectos que unem, assim como os que diferenciam cada povo.

Palavras-chave: África; Guiné-Bissau; Programa Residência Pedagógica; Diversidade cultural.

Unilab, IH - Instituto de Humanidades, Licenciatura em Pedagogia, Discente, estelitagomes1995@gmail.com¹

Unilab, IH - Instituto de Humanidades, Licenciatura em Pedagogia, Discente, deonesalmango@gmail.com²

Unilab, IH - Instituto de Humanidades, Licenciatura em Pedagogia, Discente, maliadelaida@aluno.unilab.edu.br³

Unilab, IH - Instituto de Humanidades, Licenciatura em Pedagogia, Docente, luma.andrade@unilab.edu.br⁴



INTRODUÇÃO

Os debates sobre a educação têm se tornado cada vez mais abrangentes na atualidade. Sabe-se que a escola não se constitui só como um centro de instrução, mas também se dá em diferentes espaços, circunstâncias e perspectivas, promovendo aprendizagens, partilha e trocas de saberes e/ou conhecimentos.

Diante do exposto, e com base nas experiências em salas de aula, percebe-se que muitos alunos/as, assim como os professores carecem de informações no que tange à cultura africana, em geral, e da própria Guiné-Bissau, em particular. Durante as aulas, foram discutidas os conceitos e saberes ligados ao continente africano e também da Guiné-Bissau. O mosaico cultural que o continente carrega, alastrou-se por todos os países do continente, que acaba por tornar a diversidade cultural de cada país a única, cada um dos países do continente carrega seus costumes e tradições culturais diferentes. Durante as aulas, foram apresentados os textos e reflexões sobre o continente africano, o gosto pelas cores vivas, as festas que nos apresentam, os trajes, as tranças e a músicas que transbordam a ancestralidade. No nosso país, a Guiné-Bissau, trazemos a diversidade das nossas etnias em vários aspetos, e o que nos representa como bissau-guineense. Por conseguinte, complementamos a proposta da aula com uma atividade prática, incluímos uma oficina de tranças africanas, especificamente da Guiné-Bissau.

O trabalho desenvolvido teve como objetivo desconstruir o olhar estereotipado da cultura africana, ou seja, promover a (des) miscigenação cultural africana e criar espaços dentro da sala de aula para debates e reflexões sobre diversas formas de aquisição de conhecimento. Com essa atividade demonstramos para os alunos as diversidades culturais existentes no continente africano e, mais especificamente, na Guiné-Bissau. E também criar espaços e reflexões sobre os aspectos que unem os africanos nas suas diversidades socio-culturais, assim como os que diferenciam cada povo. O trabalho foi elaborado com abordagem qualitativa, utilizou-se a metodologia de aula expositiva na sala de aulas, com apresentação de danças, tranças e trajes africanos (especificamente da Guiné-Bissau) e aplicação de questionário feitos pelos alunos, visando compreender a percepção dos alunos quanto à(s) cultura(s) africana(s).

O presente trabalho teve como objetivo apresentar a experiência da diversidade cultural, com o foco na (des)miscigenação cultural africana.

METODOLOGIA

O trabalho foi elaborado com abordagem qualitativa, utilizou-se a metodologia de aula expositiva na sala de aulas, com apresentação de danças, tranças e trajes africanos (especificamente da Guiné-Bissau) e aplicação de questionário feitos pelos alunos, visando compreender a percepção dos alunos quanto à(s) cultura(s) africana(s).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A educação é um dos principais elementos constituintes de uma sociedade igualitária. É a partir do exposto que se acrescenta os debates sobre a educação, sendo que cada vez mais ela tem se tornado abrangente na atualidade. Sabemos que a escola é um espaço poderoso de transmissão de conhecimento, apesar de não se constituir em único espaço de instrução, por existirem outros espaços, circunstância e perspectivas, que podem promover aprendizagens, partilha e trocas de saberes, ainda assim ela permite moldar o comportamento das pessoas na sociedade.



Com o intuito de destacar uma discussão teórica para a compreensão do tema, trabalhamos uma aula lúdica e explicativa sobre algumas culturas africanas, incluindo as nossas culturas em específico, com a intenção de explorar a compreensão dos alunos a respeito do que conhecem sobre o continente africano, suas histórias e seus povos. E com isso, complementar conhecimentos necessários e atualizados a fim de abranger mais os seus repertórios de aprendizado, assim como aprofundar mais os conteúdos relacionados que subsidiam os seus processos de ensino e aprendizagem.

Diante do exposto, e com base nas experiências em salas de aula, percebe-se que muitos alunos assim como os professores carecem de informações no que tange à cultura africana e da Guiné-Bissau, razão pela qual foi necessário criar atividades que pudessem esclarecer os conceitos sobre a África e africanos, como na citação a seguir. O continente africano é vasto, composto por vários países, o que faz dele um continente rico em diversidades linguísticas e culturais, sendo que cada país tem os seus costumes diferentes e práticas culturais particulares. Nesta ótica que Bento destaca que,

por se tratar de um grande continente, o terceiro maior continente da terra, composto por 54 países, com uma população total de aproximadamente 970 milhões de habitantes distribuídos em uma área de 30 milhões de quilômetros quadrado, sendo possível identificar mais de 1500 idiomas e dialetos diferentes que, se relacionam e convivem juntos há séculos fazendo do continente um caldeirão multicultural, sendo que a língua oficial na maioria dos países é a dos principais colonizadores europeus: inglês, francês e português (BENTO, 2010, p. 11).

Conforme citado, a África é um grande continente ocupado por diversos povos com climas, línguas, fauna, flores e culturas diversificadas. “Quando se fala da “tradição africana”, nunca se deve generalizar. Não há uma África, não há um homem africano [ou uma mulher africana], não há uma tradição africana válida para todas as regiões e todas as etnias” (HAMPÂTÉ BÁ, 2008, p. 14). Não se pode incluir todos na mesma tradição ou costumes, porque existem vários grupos étnicos e cada um tem sua tradição e costumes, o que o torna o continente plurilinguístico e diversificado.

No entanto, o continente africano é conhecido com os seus trajes de tecidos coloridos, que enaltecem a vida, a alegria, assim também a perda das pessoas, ou seja, dos entes queridos. Nisso, destaca-se também a Guiné-Bissau, um país que situa na parte oeste do continente africano, rico em biodiversidade linguístico e cultural. A tradição narra a história de um país que se mostra como um mosaico fragmentado: vários grupos étnicos, diversa línguas e culturas a que se vêm juntar outros grupos vindos do alto Níger, do Mali, da Serra Leoa, e tantos outros lugares, sem esquecer do império Kaabunké que envolvia um vasto território na costa ocidental africana e do que fazia parte uma grande parcela do que é hoje o território da Guiné-Bissau. (RIBEIRO; SEMEDO, 2011, p.9).

Como mencionado acima, é um país em que cada etnia tem os seus costumes e tradições. Contudo, quando se fala de modo de vestimenta e da cultura guineense em geral, sempre é destacado o “pano de penti”, que são confeccionados pelos tecelões e é usado para várias ocasiões e a depender do modelo e símbolo nelas feitas. Esses panos carregam as histórias, valores e simbologias muito significativas para cada grupo étnico. Esses panos transmitem mensagem, como afirma a Jalo,

os panos falam através das suas cores! É preciso escutar as múltiplas falas dos panos: o grito dos panos pretos; os panos tingidos, de vozes cerimoniais que acalentam; os panos leves e de vozes frescas enfrentando o calor dos dias quentes de África; os panos coloridos, feitos tapetes, que nas suas falas também coloridas cantam no caminhar dos pés das noivas; os panos que sorriem matreiros balançando no gingar das ancas das moças; os lankon de vozes imponentes ditando a hora do enterro; a fala morna dos miadas, contando o peso do luto da mulher; vozes e falas alegres de bandêra de padida, de latrus e de Dom Fafe, cantando, nos ombros e nas cinturas das mulheres. Os panos simplesmente falam! (JALÓ, 2016, p.18).



Diante do exposto, percebe-se o valor e significado dados a esses panos. O uso deles transmite mensagens e afirmam identidades dos grupos étnicos. E podem ser utilizados em diferentes comemorações, sejam festivas ou fúnebres, como por exemplo, a festa do casamento, nascimento de uma criança, rituais de circuncisão, mortes, entre outras ocasiões.

Por conseguinte, o conteúdo ministrado na sala de aula, teve resultados positivos, pois houve um esclarecimento do ponto de vista cultural africana a qual o conteúdo propõe. Também teve interação por parte dos alunos, contribuindo para que a aula seja dialogada e reflexiva. Os questionários aplicados com intuito de avaliar o nível de absorção do assunto estudado, foi satisfatório, pois os alunos puderam esclarecer as dúvidas e ter um momento, ou seja, espaço de reflexão e aprendizagem.

CONCLUSÕES

Este trabalho, por viés de uma prática pedagógica, nos trouxe uma visão mais ampla no que concerne a prática docente para o processo de ensino e aprendizagem. Seguindo o raciocínio de Westbrook (2010), em que tendo a consciência de que o/ docente, constitui um elemento imprescindível para a situação em que aluno aprende, por isso, o seu papel é essencialmente o de orientar, guiar e estimular exercícios ou atividades através dos caminhos conquistados a partir do saber e da experiência do adulto. Além disso, a escola nos proporciona um excelente aprendizado, com troca de saberes e experiências únicas, entre diferentes povos e culturas, assim sendo, os estereótipos criados a volta dos povos africanos, vão sendo ultrapassados e as barreiras e olhares distorcidos quebrados. Com isso demonstrar para as crianças que há diversidades entre as culturas, e que devemos respeitar essa diversidade e valores que são muito importantes para sua formação escolar e humana.

Portanto, conseguimos atingir os objetivos propostos para a aula, complementamos a proposta, com uma atividade prática, incluímos uma oficina de tranças africanas, visto que nós residentes somos africanas, especificamente, da Guiné-Bissau. Com essa atividade, mostramos para os alunos as diversidades culturais existentes no continente africano. E também criamos espaços para discutir, ou seja, promovemos um espaço de troca de saberes e reflexões sobre os aspectos que unem, assim como os que diferenciam cada povo.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a nossa instituição pela IX semana universitária, a programa residência pedagógica e a nossa coordenadora e a todos que participaram no trabalho.

REFERÊNCIAS

- BÂ, Amadou Hampâté. O menino Fula. Tradução: Xima Smith de Vasconcelos. Rio de Janeiro: Pallas Athema; Casa das Áfricas, 2003.
- BENTO, Marlene de Fátima. Tecidos Africanos: Histórias Estampadas. Disponível em: <https://cutt.ly/grEvHpd>. Acessado em: 24 janeiro 2020.
- RIBEIRO, Margarida Calafate; SEMEDO, Odete Costa. Literatura da Guiné-Bissau: Cantando os escritos da história. Edições Afrontamento/ rua Costa Cabral, 859 /4200-225 Porto, julho de 2011.
- JALÓ, Tânia Correia. A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco. 2016. 57 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Humanidades) - Instituto de Humanidades e Letras, Universidade da



Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, São Francisco do Conde, 2016.

WESTBROOK, Robert B. John Dewey/ Robert. B Westbrook; Anísio Teixeira, José Eustáquio Romão, Verone Lane Rodrigues (org).-Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.